

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE SOCIOLOGIA PARA O ENSINO  
MÉDIO

**O ENSINO DA SOCIOLOGIA HOJE**

Cintia Rosana Steffen

Encantado, janeiro de 2016

Cintia Rosana Steffen

## **O ENSINO DA SOCIOLOGIA HOJE**

Artigo apresentado para a conclusão do Curso de Especialização em Ensino de Sociologia para o ensino Médio, da Universidade Aberta do Brasil, intermediado pela Universidade Federal de Santa Maria, como parte da exigência para a obtenção do título de Professor de Sociologia .

Orientador: Rosana Soares Campos

Lajeado, janeiro de 2016

## O ENSINO DA SOCIOLOGIA HOJE

Cintia Rosana Steffen<sup>1</sup>

**Resumo:** este trabalho foi realizado com o intuito de tomar conhecimento, bem como analisar alguns dos acontecimentos que levaram a efetivação de fato da disciplina de Sociologia no atual currículo do Ensino Médio brasileiro, assim como a reflexão sobre alguns conceitos sociológicos que podem vir a ser desenvolvidos em sala de aula com o propósito de auxiliar no desenvolvimento de um tipo de pensamento crítico, tão necessário a resolução de problemas e descoberta de alternativas ao jovem nos tempos atuais. Para tanto, foi realizada em conjunto uma pesquisa teórica e em referenciais, paralelamente com uma pesquisa com os professores da cidade de Encantado, tanto da rede pública e privada a frente da disciplina, a fim de conhecer seus desafios enquanto docentes, e os critérios utilizados na composição e criação de seu currículo, assim como a relação do mesmo com a autonomia fornecida pela disciplina, ao não vir com um currículo único a ser seguido, e sua qualificação profissional.

**Palavras-chave:** Sociologia. Professor. Jovem. Currículo. Sociedade.

**Abstract:** This work was carried out in order to take notice and to examine some of the events that led to there a lization of the fact of sociology discipline in the current curriculum of the Brazilian high school, as well as reflection on some sociological concepts that may be developed in the classroom in order to help develop a kind of critical thinking, much needed problem solving and finding alternatives to they oun gnow a days. Thus, it was held together a theoretica lresearch and benchmarks, along with a survey of teachers from the town of Charming, both public and private in front of the discipline in order to meet its challenges as teachers, and the criteria used the composition and creation of your resume as well as the relationship of the same witht he autonomy provided by discipline, not come up with a single curriculum to be followed, and his qualifications.

**Keywords:** Sociology. Teacher. Young. Curriculum. Society.

### 1 INTRODUÇÃO

O mundo passou por várias mudanças nos últimos anos, a globalização, as grandes guerras, as não tão grandes, as mudanças na economia mundial, entre outras, que acabaram reorganizando a vida em sociedade. Com isso, emerge a necessidade de compreender as mudanças decorrentes do novo contexto. Aparecem divergências e variados fenômenos sociais, os quais propiciam a criação de uma ciência a qual tem seu objeto de estudo nestes

---

<sup>1</sup> Pedagoga, formada pela Universidade de Caxias do Sul, pós-graduada em Neuropsicopedagogia e Educação Inclusiva. Atuando na área da Educação Infantil, na Prefeitura Municipal de Lajeado-RS.

fenômenos e ao longo dos anos acaba saindo do campo do Ensino Superior e chega a nossas salas de aula, no Ensino Médio, como a disciplina de Sociologia como conhecemos.

Porém, sua chegada às salas de aula não se dá da mesma forma que as outras disciplinas, com muitas idas e vindas, e sem as tradicionais listas de conteúdos pré-definidos, ela chega dando oportunidade aos professores e redes de ensino a se organizar perante a mesma com maior autonomia, se apropriando de temas e conteúdos que reflitam as necessidades do meio em que estão inseridas.

E, como nem tudo são flores, há mais alguns percalços que a disciplina ainda terá que vencer. Por ser ainda uma matéria recente, aprovada em forma de lei no ano de 2008, a sociologia não demanda de tradicionais métodos de ensino, e seu espaço dentro do currículo do Ensino Médio se limita a uma aula por semana, com duração de cinquenta minutos, onde o professor tem de atrair e manter a atenção dos jovens além de instigá-los a pensar e analisar o conteúdo sociológico.

Neste contexto, foi construído este trabalho, visando analisar e compreender como os professores de Encantado estão administrando esta autonomia fornecida pela disciplina, os critérios que estão usando pra estabelecer seus currículos, e se fato eles dispõem desta autonomia. Compreender o uso dos recursos tecnológicos e entender quais seus desafios frente à disciplina, bem como um pouco da história da Sociologia no Brasil e como ela chegou hoje a ser obrigatória no Ensino Médio, usando-se de aportes teóricos e consultas e a nossa legislação.

## **2 A SOCIOLOGIA E O CURRÍCULO BRASILEIRO UMA RELAÇÃO DE IDAS E VINDAS**

Dentro do cotidiano escolar, assim como na vida, necessita-se de uma espécie de fio condutor que indique alguns caminhos que podem ou devem ser percorridos pelos educadores e seus educandos, nada mais do que uma forma de se orientar dentre a grande quantidade de saberes que foram produzidos pela humanidade ao longo dos séculos. Para tanto, as instituições, sejam elas públicas ou privadas lançam mão de um documento de grande valia para os membros da comunidade escolar: o currículo, que vem a ser “em outras palavras, o

coração da escola, o espaço central em que todos atuamos, o que nos torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis por sua elaboração” (MEC, 2007, p. 19).

Inseridos nele, estão todas as situações e aprendizagens consideradas de grande valia para a formação integral do aluno, sofrendo alterações e atualizações sempre que necessário, por não se tratar de algo estanque, definido.

“Sendo o currículo compreendido como todas as experiências organizadas e pelas quais, portanto esta assume responsabilidade, cabe determinar na seleção destas experiências aquelas que sejam mais significativas para o desenvolvimento e formação máximos, completos e harmoniosos da personalidade integral do educando (permitindo-lhes alcançar a auto-realização), ao mesmo tempo em que estejam em harmonia com as necessidades da sociedade e com os fins mais elevados da humanidade em geral.” (TRALDI, 1984, p. 14).

Contudo, assim como os seres humanos que o produzem, o currículo em si é um documento falível, sujeito a ser alterado e refeito de tempos em tempos, e assim, podendo sofrer influências de quem o redigiu. Ou, como nos traz Freire (1993): “o currículo é um instrumento revelador das relações de poder e, muitas vezes serve como um mecanismo legitimador da ordem estabelecida”, podendo, deste modo, ser usado pelo Estado, como forma de tentar moldar seus cidadãos, através da educação como ferramenta de transformação, ou expressar suas ideologias, pois é composto de uma base comum a ser seguida por todas as instituições de ensino no país, fornecida e produzida pela instância superior do país no ramo da educação, o Ministério da Educação (MEC).

Seguindo esta linha de pensamento é possível compreender as idas e vindas da disciplina de Sociologia dentro dos currículos nacionais através da história, aparecendo pela primeira vez durante o Império, em 1882, onde Rui Barbosa apresentou uma proposta de reestruturação do ensino, sugerindo sua inclusão no curso secundário, fato este, que na época acabou não se concretizando.

No entanto, em 1891, após a Proclamação da República, surgiu no país a corrente de pensamentos de Augusto Comte, que influenciou alguns seguidores, dentre eles Benjamim Constant que tentou a implementação da disciplina nos últimos anos do ensino secundário, onde “o aluno seria preparado pelos princípios reguladores do comportamento racional e científico necessários a consolidação da organização social republicana” (Rêses e Santos,

2013, p. 51). Porém, com sua morte, um ano depois, sua reforma não foi efetivamente colocada em prática, extinguindo a matéria em 1901, sem ter de fato sido ofertada nas instituições brasileiras.

Novamente em 1925, outra reforma educacional, desta vez do ministro Rocha Vaz, fez com que se a sociologia entrasse no currículo da 6ª série do curso ginasial, estando seus conhecimentos restritos as classes da elite, já que, em especial esta série não era obrigatória para a conclusão do curso ou inscrição aos vestibulares, era considerada mais preparatória. No ano de 1931, o então ministro Francisco Campos manteve esse caráter de preparação ao ensino superior, mantendo a sociologia nos dois últimos anos, após o ciclo referente à formação básica, que na época era de cinco anos. Nesta fase, a disciplina mantinha ainda um caráter de preparação à entrada nas faculdades de direito, arquitetura, engenharia e ciências médicas. Deste modo, esta reforma abrangeu toda a extensão do território nacional, deixando o currículo com um caráter científico e vasto, voltado a uma parcela muito pequena da população brasileira, já que a instrução acadêmica era voltada apenas a quem tivesse condições financeiras para tanto, o que não era a realidade da maioria da população.

É então que novamente a matéria é excluída do currículo nacional através da Reforma de Gustavo Capanema, em 1942, eliminando o que na época era tido como um caráter preparatório e dando ao ensino um caráter mais formativo, apostando na formação humana, moral e religiosa. Onde o pensamento católico era colocado à cima da escola novista, sendo que, a Igreja praticamente detinha o controle do ensino gratuito, lembrando que o ensino continuava a ser visto como um luxo, e como nos traz Freitag (1980, p. 15): “... numa realidade social concreta, o processo educacional se dá através de instituições específicas (família, igreja, escola, comunidade) que se tornam porta vozes de uma determinada doutrina pedagógica”, podendo assim se entender como até os dias atuais a Igreja, enquanto instituição, ainda demanda de certo respaldo nas decisões de cunho político no país e no mundo.

A partir de 1946, houve mais algumas discussões sobre a reintrodução da disciplina no ensino secundário, fato este discutido em vários fóruns acadêmicos. Com a primeira lei de diretrizes e bases da educação (LDB 4024/61), promulgada no país em 20 de dezembro de 1961, foi concedida as escolas certa dose de autonomia, através dos Estados, a quem foi permitido que escolhessem matérias optativas complementares além das obrigatórias.

Embora a sociologia não estivesse em nenhuma lista pré-aprovada, em 1963 ela entra como disciplina optativa nos cursos clássico, científico e eclético, para em 1964, sair de cena com o golpe político, quando a educação brasileira teve de se adequar as novas ideias no poder, banindo novamente a sociologia dos currículos pertinentes ao ensino médio. Afinal, nas palavras de Martins (1988, p. 07): “Para alguns ela representa uma poderosa arma a serviço dos interesses dominantes, para outros ela é a expressão teórica dos movimentos revolucionários”, e em meio a um regime militar, onde o poder foi tomado à força, o que o então Estado menos almejava era a formação destes movimentos, pois, como nos colocam Rêses e Santos: “Ela foi entendida como sinônimo de comunismo, que seu ensino serviria de “aliciamento político”, perturbando o regime e a sua presença seria um indicador de periculosidade para as elites.” (2007, p. 60)

Com a redemocratização do País, o ensino profissionalizante antes obrigatório por conta do regime militar, agora se torna optativo, existindo então dois tipos de cursos: o acadêmico e o profissionalizante, perpetuados até hoje. Com esta mudança, a sociologia entrou na parte diversificada do currículo dos cursos acadêmicos, porém não com tanta força como a filosofia que se tornou matéria do núcleo comum.

Devido à aprovação da lei 7.044/82, entra em pauta o fato dos currículos atenderem as necessidades e possibilidades concretas das escolas, bem como as peculiaridades dos locais de ensino e diferenças individuais dos alunos, abrindo-se então um espaço para a retomada da sociologia enquanto matéria no ensino médio em alguns dos estados brasileiros.

A partir da década de 1990, iniciou-se um período de discussões e mobilizações pela nação a fim de que a disciplina entrasse permanentemente para o currículo do ensino médio. Devido a essa mobilização, foram criadas associações de sociólogos e a Federação Nacional, fazendo com que os estudantes também se mobilizassem. Com tudo, a disciplina ganhou força e acabou por despertar maior interesse, quando as faculdades e instituições de Ensino Superior de alguns estados começaram a inserir em seus processos seletivos questões referentes à disciplina, destacando o fato de como o currículo do ensino médio está atualmente atrelado aos exames e testes feitos para avalia-lo, e garantir vagas em instituições de ensino superior, culminando após muitas discussões e adequações em sua aprovação definitiva como disciplina obrigatória em todas as séries do Ensino Médio, com a Lei nº11.684, de 2 de junho de 2008 .

A Sociologia enquanto disciplina obrigatória, presente de fato na grade curricular das escolas de Ensino Médio, pode ser considerada uma aquisição de veras positiva na história da educação em nosso País. Tendo no fato de sua obrigatoriedade a visão de uma espécie de marco simbólico em nosso contexto educacional, se fazendo presente ao cotidiano escolar sem uma definição exata, rígida, de conteúdos a serem seguidos, tornando-a uma incógnita na visão de alguns. Ou, como explicam os autores das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Brasil, 2006): “diferentemente de outras disciplinas escolares, a Sociologia não chegou a um conjunto mínimo de conteúdos sobre os quais haja unanimidade, pois sequer há consenso sobre alguns tópicos ou perspectivas”. Devido a grande diversidade cultural existente em uma nação com o porte e miscigenação oriunda das mais variadas misturas que o ocuparam, a construção de um currículo único para todo o país se torna inviável, pois logicamente o que seria prioridade em uma região, pode não se fazer notar em outra.

A relação com o passado deve ser cultivada, desde que se exerça uma compreensão do tempo como algo dinâmico, mas não simplesmente linear e seqüencial. A articulação do instituído com o instituinte possibilita a ampliação dos saberes, sem retirá-los da sua historicidade e, no caso do Brasil, de interação entre nossas diversas etnias, com as raízes africanas, indígenas, européias e orientais. A produção e a constituição do conhecimento, no processo de aprendizagem, dá muitas vezes a ilusão de que podemos seguir sozinhos com o saber que acumulamos. A natureza coletiva do conhecimento termina sendo ocultada ou dissimulada, negando-se o fazer social. Nada mais significativo e importante, para a construção da cidadania, do que a compreensão de que a cultura não existiria sem a socialização das conquistas humanas (BRASIL, p. 90).

A história da sociologia, como se pôde observar, está intimamente ligada aos ideais daqueles que estiveram no poder, surgindo a cada vez que o sistema vigente julga necessário, se fazendo perceber pelas suas aparições no currículo do Brasil, onde, por vezes, ela foi usada como um meio de tentar moldar a sociedade, e em outras vista como ameaça. Cabendo aqui o conceito de educação versado por Freitag (1980), que coloca que “toda a proposta educacional traz implícita em si uma filosofia de vida, uma concepção de ser humano e de sociedade”.

Em muitos países, seu surgimento enquanto ciência social se deu geralmente em momentos de pós-crise, quando surgiam conflitos sociais latentes ou novos arranjos na sociedade. Ela emerge, geralmente, da necessidade do ser humano compreender o que acontece em seu meio, encontrando abertura maior do meio acadêmico, e se expandindo até ser reconhecida como uma ciência social.

### 3 A SOCIOLOGIA EM SALA DE AULA, O DESAFIO: O QUE ENSINAR?

A disciplina de sociologia, hoje parte obrigatória do Ensino Médio, tem sido justificada basicamente no que já se tornou quase um slogan da mesma: “formar cidadãos críticos”, com tudo, há ainda outras finalidades mais práticas a serem elencadas pela disciplina, como a contextualização dos fatos e o ato de se abstrair, ao se colocar no lugar do outro através das informações obtidas e pesquisas realizadas, para assim poder analisar os dois lados que sempre incidem sobre o mesmo fato, conhecendo novas culturas, como nos colocam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

A Sociologia pode contribuir para a formação do jovem brasileiro: quer aproximando esse jovem de uma linguagem especial que a Sociologia oferece, quer sistematizando os debates em torno de temas de importância dados pela tradição ou pela contemporaneidade. A Sociologia como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc (2006, p. 105).

É possível ainda, através das teorias sociológicas, compreender contextos e parâmetros que virão a servir de base à argumentação, e assim justificar o modo que a sociedade é ou foi, fornecendo informações úteis sobre como fomos, enquanto sociedade, e, de como podemos ou não vir a ser.

Estando hoje, o conhecimento escolar dividido em três áreas, sendo elas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias, e, concentrando-se nesta última, os conhecimentos referentes à Sociologia são colocados de forma que:

[...] deve-se desenvolver a tradução do conhecimento das Ciências Humanas em consciências críticas e criativas, capazes de gerar respostas adequadas a problemas atuais e a situações novas. Dentre estes, destacam-se a extensão da cidadania, que implica o conhecimento, o uso e a produção histórica dos direitos e deveres do cidadão e o desenvolvimento da consciência cívica e social, que implica a consideração do outro em cada decisão e atitude de natureza pública ou particular (PCNEM, Parte I, p. 21).

O conhecimento sociológico em si, tem a ver com o conhecimento da ação humana e sua realidade, colocando o trabalho com a disciplina no Ensino Médio como algo que não

surte um efeito imediato, mas que, por sua vez, conduz a reflexão, e esta, conduz a uma posterior mudança de atitude. Lembrando-nos de que o ser humano, enquanto sujeito inserido na vida em sociedade tece com ela uma relação de dependência em relação ao todo, ansiando por um senso de pertencimento, que o permite ter um maior comprometimento com ela, se sentindo capaz de intervir em seu meio. Ou como coloca a socióloga Costa (1997 in Sarandy, 2003, p. 80.):

Adquirir uma visão sociológica do mundo ultrapassa a simples profissionalização, pois, nos mais diversos campos do comportamento humano, o conhecimento sociológico pode levar a um maior comprometimento e responsabilidade para com a sociedade em que se vive (Costa, 1997).

Colocando, deste modo, o ser humano, e no caso o jovem, é visto como corresponsável pela sociedade em que vive, e, pode desta forma alterá-la de modo a se tornar própria ao exercício da cidadania plena. Cidadania esta, que se encontra escondida sob um conceito abstrato e amplo, ao qual, tanto educando quanto professor se vê, mas nem sempre se reconhece. Não se podendo separar o conceito de cidadania do de cidadão, ambos intimamente ligados à vida política, pois o sua própria essência se encontra ligada a isso.

Existe, na parte relacionada aos “Conhecimentos de Sociologia, Antropologia e Política” (p. 36), a ênfase no objetivo geral das Ciências Sociais no ensino médio é em dotar o aluno dos conhecimentos específicos (conceitos e métodos) das disciplinas, visando ao exercício pleno da cidadania. Na página 37 é então afirmado que:

[...] pela via do conhecimento sociológico sistematizado, o educando poderá construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno. Ao compreender melhor a dinâmica da sociedade em que vive, poderá perceber-se como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, viabilizar, através do exercício pleno de sua cidadania, mudanças estruturais que apontem para um modelo de sociedade mais justo e solidário.

No contexto atual, pertencendo a um mundo globalizado e conturbado, a cada dia se apresentam realidades adversas. Fenômenos como a imigração, as constantes crises econômicas e morais referentes à administração do bem público, os desastres naturais ou causados pelo homem, as tensões que se espalham por diversos países, tudo vem interferindo no que se compreende como cidadania e/ou direitos do cidadão. O que nos faz refletir as palavras de Loureiro (citado por Gorczewski e Martin, 2011, p. 22): “pode-se afirmar que cidadania é o direito a ter direitos, além do dever de lutar por estes. Não é só isso, porém;

cidadania também representa a necessidade de reconhecimento de novos direitos”. Mas com os referidos direitos, o cidadão recebe as obrigações, sendo algumas destas participar da política, seja através da sua efetiva participação na vida política, ou através do voto, que em nosso país é obrigatório.

Características como contexto social, espaço e tempo são colocadas como marcos do tipo de cidadania vigente, pois cada período denota uma visão de cidadania e cidadão, bem como cada cultura. Deste modo, a sociologia enquanto ciência social vem estudando as formas como a vida em sociedade tem se manifestado e como tem contribuído para a formação do ser humano, enquanto ser social inserido neste contexto.

Por evidente que cidadania ou o pertencimento a uma comunidade é um processo histórico e em constante evolução. Assim, ao definir-se a qualidade de cidadão, deve-se sempre considerar o contexto social a que se está referindo, porque com isso a mesma adquire características próprias que se diferenciam conforme o tempo, o lugar e as condições socioeconômicas (Gorczewski e Martin, 2011, p. 25).

Visando, o aprimoramento do educando enquanto pessoa humana se coloca em pauta a questão do pensamento crítico, da atitude crítica, o filtrar dos preconceitos (ou pré-conceitos) e o senso comum, onde se torna possível evitar que simples “achismos” sejam tomados como verdade (Carbonara, 2004). Entra em cena aí uma participação importante da Sociologia enquanto grande instigadora da desnaturalização e estranhamento de fatos e ideias prontas, quebrando tabus e preconceitos através da informação e da pesquisa, bem como da sensibilização e da contextualização.

Ao deixarmos de considerar tudo que acontece ao nosso redor como natural, como parte do que sempre foi, conseguimos enxergar as contradições sociais e contrastes presentes na nossa vida cotidiana de outra forma. Passamos a estranhar a nós mesmos enquanto parte da sociedade e nosso papel como tal, ou, como nos traz Christoph Wulf em diálogo com Morin:

A estranheza diante de si mesmo é uma experiência essencial, pois ela permite abrir-se as outras culturas, e ao outro. [...] o que é essencial é partir da não compreensão, de uma situação em que não compreendemos o estranho nem compreendemos a nós mesmos. A partir dessa incerteza temos uma atitude muito menos violenta com relação ao outro e com relação a nós mesmos. [...] é necessário partir da incompreensibilidade do estranho (MORIN; WULF, 2003, p. 36-8).

É esta estranheza que diante dos fatos, juntamente com a falta de certeza sobre como as nossas noções de bem em mau se formaram ou foram formadas, que nos coloca a refletir

sobre nossos parâmetros de certo e errado, nos deixando menos resistentes ao novo. E, para isso nada melhor que um público para a disciplina disposto a questionar, no caso os jovens alunos do Ensino Médio, com maior propensão a pensar, analisar e refletir, com a mente aberta, disposta a quebrar ou desafiar conceitos pré-concebidos.

Questões já embutidas no subconsciente jovem, ligadas à formação da identidade e a aquisição da cultura permeiam a realidade vivida pelos adolescentes no Brasil e no mundo. Questionamentos aos quais, os ensinamentos da disciplina de sociologia podem auxiliar na elucidação e compreensão.

Em meio ao fenômeno da hibridação cultural, onde acontece a miscigenação de culturas diferentes sem que cada uma perca sua identidade, suas características. Assim como acontece com o povo brasileiro, que é fruto do mesmo tipo de miscigenação constante, onde duas culturas ou mais se unem em um mesmo espaço, por vezes se misturando, mas sem deixar de existirem em separado, como partes de um todo, porém formando algo novo, que mescle as características de ambas. Ou como Canclini (2008, citado por Santos e Leal, 2013, p.99) afirmou, pode se tratar também de fenômenos diversos, como:

- sincretismo religioso brasileiro (a combinação de ancestrais africanos, figuras indígenas e santos católicos na umbanda);
- as colagens publicitárias de monumentos históricos com bebidas e carros esportivos;
- montagens em imagens arquitetônicas e midiáticas tendo como resultado um cruzamento multimídia e multicultural;
- os casamentos mestiços na América Latina.

Fatos que direta ou indiretamente já estão ligados ao dia-a-dia dos professores, estudantes e suas famílias, afetando o modo de como vivem, seus focos de interesse e por consequência a sua relação com os demais.

Com tudo, seja por intermédio da migração de pessoas, ou do fenômeno da rápida expansão tecnológica, com a revolução causada pela popularização da internet, aproximando as pessoas das informações de toda espécie, o que se pode afirmar é que nunca na história se teve uma geração com tanto acesso a informação. E o que pode ser considerado como certeza, é que dificilmente veremos nossa realidade retroceder ao ponto de não se apoiar nas novas tecnologias. Fato este que vem se refletindo diretamente nos processos educativos, fazendo com que o jovem de hoje não se contente apenas com o que ouve ou lê nos livros, exigindo do

professor domínio das tecnologias, e uma maior versatilidade nas aulas. Pinheiro (2010, p.408) nos coloca que: “A internet não será extinta e novas tecnologias ainda estão a surgir. Com o passar do tempo, muito mais pessoas estarão conectadas à rede mundial, e negar tal fato é como negar a própria evolução da sociedade.”

No entanto, em sala de aula, em meio a conflitos e diferentes ideias e culturas, cabe ao professor em um espaço de tempo curto e contado, muitas vezes com menos recursos pedagógicos do que necessitaria administrar o conhecimento sociológico, a fim de permitir ao jovem se apropriar do mesmo. Podendo assim, modificar sua forma de pensar, se constituindo enquanto ser humano crítico e capaz.

Algo que pode auxiliar no esclarecimento das expectativas referentes à institucionalização da disciplina, encontra-se nas Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM), onde se admite que:

Muito se tem falado do poder de formação dessa disciplina, em especial na formação política, conforme consagra o dispositivo legal (LDB nº 9.394/96, Art. 36, § 1º, III) quando relaciona “conhecimento de Sociologia” e “exercício da cidadania”. Entende-se que essa relação não é imediata, nem é exclusiva da Sociologia a prerrogativa de preparar o cidadão. No entanto, sempre estão presentes nos conteúdos de ensino de Sociologia temas ligados à cidadania, à política em sentido amplo (quando, muitas vezes no lugar da Sociologia *stricto sensu*, os professores trazem conteúdos, temas e autores da Ciência Política) e mesmo contrastes com a organização política de sociedades tribais ou simples (quando, então, é a antropologia que vem ocupar o lugar da Sociologia), ou ainda preocupações com a participação comunitária, com questões sobre partidos políticos e eleições, etc. Talvez o que se tenha em Sociologia é que essa expectativa – preparar para a cidadania – ganhe contornos mais objetivos a partir dos conteúdos clássicos ou contemporâneos – temas e autores (2006, p. 104).

Percebe-se assim que a formação do sujeito enquanto cidadão não é função apenas das Ciências Humanas, mas do conjunto que representa a educação na escola, sejam elas Ciências Exatas ou Biológicas é o conjunto destes conhecimentos que auxiliará no processo de formação do cidadão.

#### 4 A SOCIOLOGIA HOJE E O SEU PROFESSOR

Nos dias atuais não há como falar da Sociologia em sala de aula sem falar de quem a faz de fato estar presente ali, o professor. Aquele que além de cumprir sua carga horária, dificilmente não se envolve emocionalmente com seus alunos, gerando por vezes algo mais do que a relação educador e educando. Construindo uma espécie de ligação emocional com a turma e a disciplina que leciona, onde caso esta se faça positiva, pode servir de facilitador ao aprendizado e ao andamento da aula em si, ou no caso de se fazer negativa dificultar ambos, tornando o convívio em sala de aula complicado, pois: “a afetividade estaria profundamente imbricada com a disposição para o conhecimento” (Engers, 2000, p. 295).

O trabalho com adolescentes, seres entre a tênue linha da infância e da vida adulta, com instintos e hormônios bagunçando suas emoções e atitudes, em que em dado momento, se colocam dispostos a morrer por amor e em outro, deferem ao mesmo objeto de seu amor um ódio mortal, se tornam para os educadores, de veras estressante e ao mesmo tempo gratificante, sendo mais ou menos como a relação antagônica entre seus pares a relação que mantém com os professores e suas matérias.

Por muitos anos, a imagem do professor foi ligada a rigidez, respeito e medo. O processo educativo era centrado na sua figura, ele era quem regia a sala de aula, repassava conteúdos e os alunos deviam memorizar e absorver cada suspiro do mesmo. A avaliação era baseada na reprodução, pouco contribuía para os aspectos cognitivos do aluno.

Hoje, parte-se do pressuposto que ensinar bem não significa repassar os conteúdos, mas levar o aluno a pensar, criticar. Neste contexto, o professor tem a responsabilidade de preparar o aluno para se tornar um cidadão ativo dentro da sociedade, apto a questionar, debater e romper paradigmas, e como foi visto anteriormente em muitos fragmentos da nossa legislação, este também é um dos objetivos traçados para o Ensino Médio. Cury (2003, p.127) afirma que “a exposição interrogada gera a dúvida, a dúvida gera o estresse positivo, e este estresse abre as janelas da inteligência. Assim formamos pensadores, e não repetidores de informações”. Pois, de repetidores o mundo já está cheio, precisamos hoje com a urgência das questões ambientais, de mentes criadoras, dispostas a questionar e recriar alternativas.

O aluno de hoje é diferente daquele que habitava as escolas anteriormente, e ao mesmo tempo se faz diferente daquele que as habitará dentro de poucos anos, então os professores não podem se manter estagnados, não podem ser os mesmos. Há atualmente uma gama imensa de conhecimentos disponíveis, principalmente digitalmente, no entanto, para os mesmos jovens que é tão fácil lidar com o celular, tablet e computador, nota-se uma grande dificuldade em filtrar informações na internet. Os professores de hoje, são aqueles que vivenciaram a expansão tecnológica, e que foram inseridos neste contexto mesmo que involuntariamente, mas que dele tiveram que se apropriar; ou que já iniciaram na profissão se apropriando destas tecnologias.

O segredo da renovação de nossas escolas, no sentido de se adaptarem às novas exigências da formação e da educação, do ensino e da aprendizagem, em mudanças profundas e aceleradas, passa por uma mudança qualitativa, radical, dos professores. Não se trata apenas de saber mais, mas de um saber qualitativamente diferente que assenta numa atitude e numa maneira de ver diferentes (ALARCÃO e TAVARES, 2003).

No campo sociológico, essas tecnologias podem se tornar uma ferramenta positiva nas mãos do professor. Na era da rapidez da informação este pode ser um trunfo nas mãos de um professor que não tem muito tempo presencial com seus alunos, desde que saiba selecionar vídeos e conteúdos que chamem atenção do seu aluno.

## **5 A REALIDADE DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA DE ENCANTADO**

### **5.1 Contextualizando**

A pesquisa foi realizada na cidade de Encantado, interior do Rio Grande do Sul, com cerca de 23.000 habitantes (segundo o censo IBGE 2010), tendo hoje cerca de 700 alunos no Ensino Médio, distribuídos em uma escola Estadual (I.E.E.M. Monsenhor Scalabrini), com cerca de 600 alunos cursando a modalidade em questão, e uma escola da rede privada (Colégio Cenecista Mário Quintana, pertencente ao grupo Sinodal de Ensino) com cerca de 100 alunos na modalidade.

A cidade atende estudantes de outros municípios, principalmente no curso de Magistério, onde não há oferta da modalidade de ensino nas cidades vizinhas. A escola pública de Encantado atende atualmente nos três turnos (manhã, tarde e noite), tendo a presença do Ensino Médio e Curso de Magistério, nos turnos da manhã e noite. Enquanto a escola da rede particular, o Ensino médio é atendido no turno da manhã.

A escolha da cidade esteve relacionada a seu contexto social, que de alguns anos para cá anda sendo modificado pela chegada de imigrantes haitianos e caribenhos que vem ao nosso país em busca de melhores condições de vida, muitas vezes sem dominar o idioma, mas que infelizmente ainda sofrem com preconceitos e ideias distorcidas a seu respeito. Um estudo sociológico vivo para os professores da região.

## **5.2 Os professores de Encantado**

Na cidade de Encantado, a escola pública conta hoje com três professoras, todas elas mulheres, lecionando Sociologia, com idades entre 38 e 51 anos. Destas apenas uma tem formação em Filosofia, mas licenciada pelo MEC para filosofia, sociologia e psicologia. As outras duas são professoras das Ciências Humanas e Biológicas, mas realocadas para Sociologia a fim de fechar e complementar sua carga horária. Já na escola particular, o professor é homem, graduado em Filosofia e com pós graduação em Políticas Sociais, e na reta final de uma especialização em Sociologia, com idade de 45 anos.

Chama atenção o fato dos professores da escola pública, todas concursadas, não demonstrarem um interesse inicial em se aperfeiçoar na área em que estão alocadas. Porém nota-se certa preocupação com a disciplina, pois as duas profissionais de outra área, fazem parte do quadro noturno da escola, e trabalham em uma espécie de parceria com a profissional do turno da manhã, trocando ideias e conhecimentos, como uma espécie de suporte técnico pedagógico. Enquanto o profissional da rede particular denota a preocupação com a qualidade do ensino dado aos alunos e a manutenção do seu emprego, ao se atualizar e especializar na área em que leciona. O que de acordo com Demo (2000), o que faz a pedra de toque da qualidade educativa é o professor visto como alguém que aprende a aprender, alguém que pensa, forma-se e informa-se, na perspectiva da transformação do contexto em que atua como profissional da educação. Pois mesmo ele não sendo da área em que está atuando se buscar

conhecimento, especializar-se ou mantiver contato com quem tiver esta especialização, pode realizar um bom trabalho, desde que tenha a vontade e a paixão para isso.

Mais que isso, o professor que busca é segundo Libânio (2001), em seu livro a “Arte de formar-se”, um investimento pessoal de busca de conhecimento, pois além de satisfazer as necessidades momentâneas da instituição onde trabalha tem nas mãos a oportunidade de se qualificar, pois:

Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas, profissionais, religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade em que se vive [...] é participar do processo construtivo da sociedade [...] na obra conjunta, coletiva, de construir um convívio humano e saudável (Libânio, 2001, pp. 13-14).

### 5.3 As aulas e os recursos mais comuns

Devido à faixa etária dos profissionais, calcula-se que já tenham superado a fase inicial da carreira, lecionando todos a mais de oito anos, e tendo passado pela revolução no ensino causada pelo furor e facilidade de acesso da internet, e disponibilidade de novos materiais.

No entanto ao serem questionados, sobre o que costumam utilizar para facilitar a aprendizagem, todos, até o professor pertencente à rede particular de ensino, elencaram o livro didático ou apostila, no caso da escola particular, como centro do ensino. O professor da particular, ainda ressaltou o uso de pesquisas, vídeos de curta duração ou documentários “quando possível”. Ressaltando aqui as palavras de Romanatto (citado em Frison, Vianna, Chaves e Bernardes, 2009, p.8):

[...] o livro didático ainda tem uma presença marcante em sala de aula e, muitas vezes, como substituto do professor quando deveria ser mais um dos elementos de apoio ao trabalho docente. Muitos fatores têm contribuído para que o livro didático tenha esse papel de protagonista na sala de aula. ... um livro que promete tudo pronto, tudo detalhado, bastando mandar o aluno abrir a página e fazer exercícios, é uma atração irresistível. O livro didático não é um mero instrumento como qualquer outro em sala de aula e também não está desaparecendo diante dos modernos meios de comunicação. O que se questiona é a sua qualidade. Claro que existem as exceções.” (ROMANATTO, 1987).

Tais afirmações ressaltam como a disciplina esta atrelada ao livro didático nesta cidade. Logicamente não se ignora o fato de que em cinquenta minutos de aula, uma ferramenta facilitadora como o livro, onde não é necessário se “perder tempo” copiando, pois

na simples cópia, no caso o ato de copiar do quadro, não reside o aprendizado, apenas a memorização, sem contar do tempo despendido para que o professor passe a matéria no quadro e o aluno a copie. Porém, embora apoie a prática docente, não deve ser a única fonte.

#### **5.4 Autonomia na construção do currículo será mesmo?**

Questionados sobre a autonomia propiciada pela disciplina, relacionada à montagem de um currículo flexível a realidade que a escola está inserida, as respostas das duas redes de ensino diferem.

As professoras da rede estadual, admitiram que seus currículos mantêm seu foco voltado para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), e conteúdos presentes nos principais processos seletivos das instituições de Ensino Superior. A profissional responsável pelo turno da manhã frisou o fato de “ter autonomia” para sua construção, mas declarou construir uma síntese dos principais conteúdos e temas contemporâneos. Enquanto as educadoras do turno noturno declararam se basear no currículo montado pela colega, com preocupação com o que cai nos vestibulares, mas atualmente abordando temas que afetam diretamente nossa região, como a imigração (no caso de Encantado dos estrangeiros vindos principalmente do Haiti, e países caribenhos), e a quebra dos preconceitos, ligados principalmente aos imigrantes e homossexuais. Indo assim de encontro às percepções de Sociologia apresentadas no decorrer deste trabalho. Ou como Martins(1987, p.69) coloca:

Neste sentido, ela (a Sociologia) deve fornecer instrumentos intelectuais que possibilitem a compreensão do papel da instituição escolar na dinâmica da reprodução do capital cultural e, através deste processo, da manutenção e/ou alteração das relações de força e das relações simbólicas entre as classes.

Apropriando-se assim das discussões e argumentações alicerçadas nos conteúdos sociológicos para discutir temas e situações do cotidiano, abrindo possibilidades de mudanças na forma de pensar dos jovens através da reflexão.

Ao contrário das colegas de profissão, o educador da rede privada, frisa o fato do currículo ser produzido com base em parâmetros estabelecidos pela mantenedora, que é quem produz as apostilas já de acordo com seus parâmetros. Ou seja, o professor neste caso específico não demonstra tanta autonomia sobre a construção do seu currículo, que por sua

vez é elaborado por uma rede, sem considerar as especificidades de cada região, e tendo-o como base é produzida a apostila, que por sua vez será utilizada por professores e alunos da rede.

### **5. 5 Desencantos da educação em Encantado**

Ao elencar as dificuldades encontradas no percurso da disciplina, as respostas das duas redes de ensino se parecem. Enquanto as educadoras da rede pública elencam como maiores desafios à frente da disciplina os poucos períodos de aula, a curta duração, e principalmente a falta de interesse dos alunos na disciplina. As professoras do turno noturno elencaram ainda como dificuldade o horário das aulas que se no primeiro período há alguns atrasos de alunos que saem do trabalho e tem que passar em casa antes de ir para a escola. E, se no último período, encontram alunos sonolentos, devido a um dia de trabalho que se iniciou cedo.

De fato, as três profissionais da educação concordaram com o fato de existir certa dificuldade quanto ao uso de materiais diversificados e recursos tecnológicos, muito em função da pouca quantidade na escola (de televisores e aparelhos de som, bem como data show e aparelho de dvd, e dvds ), e grande quantidade de turmas que usufruem dos mesmos recursos, acabando por alguns destes se perderem ou estragarem no traslado de uma lado da escola para o outro.

Já na rede particular, o professor elencou como desafio a dificuldade em mostrar a importância da disciplina aos alunos, a fim de contextualizar a realidade em que estão inseridos, sem queixas relativas aos materiais, pois declarou existirem.

## **6 CONCLUSÕES**

Vivendo em um mundo onde tudo vem se tornando mecanizado, é bom ver as matérias mais humanas, como a Sociologia retornarem ao currículo do Ensino Médio, oportunizando mais momentos de reflexão, possibilitando a análise e compreensão de fatos e acontecimentos através de processos sociológicos.

Porém ao realizar a pesquisa com os professores encantadenses pode-se notar que a autonomia gerada pela disciplina em termos de organização curricular esbarra em questões como tempo, ou pouco dele para as aulas da mesma, e expectativas da sociedade, ou seja, se os conteúdos irão cair no vestibular ou ENEM.

Nota-se aí, o grande poder que ainda se concentra nas mãos das universidades, que no passado contribuíram para adoção da disciplina nos currículos das escolas através da sua inclusão nos processos seletivos, e hoje ainda mantém certo controle nos conteúdos ministrados em sala de aula da mesma forma.

Ao mesmo tempo, nota-se como o livro didático ainda esta presente na vida dos docentes e dos estudantes, seja para poupar tempo, ou auxiliar na compreensão de conceitos, este ainda mantém seu lugar de destaque em plena era digital. Ao mesmo tempo, nota-se certa relutância em aderir a novas tecnologias seja por dificuldades em utilizá-las ou falta de disposição delas em número adequado na rede pública. Enquanto na rede privada o professor ainda se mantém de certa forma refém do tempo em sala de aula, tendo que vencer uma lista de conteúdos que lhe vem pronta da mantenedora. Aliás, em vários setores da vida, nos encontramos regidos pelo tempo atualmente, seja em sala de aula ou fora dela, estamos nos tornando de certo modo escravos do relógio e permitindo esta situação.

A questão não seria o pouco tempo que se tem, mas o uso que se faz do mesmo.

Dentre as dificuldades elencadas pelos docentes a falta de interesse dos alunos na disciplina é uma das que mais chama a atenção, chamando também a um questionamento: podemos gostar do que não conhecemos e compreendemos? Mesmo alguns dos conceitos sociológicos tendo sido elencados no passado podem ser transportados ao presente, e devem ser desta forma postos no contexto para facilitar a compreensão dos alunos, porém isto requer tempo, quase como um trabalho de semeador, planta-se hoje, mas a colheita só virá bem depois.

Neste ponto, a escola pública parece estar contextualizando mais alguns conteúdos, devido à diversidade de alunos que por ali passam, em contextos socioeconômicos distintos, e, talvez pela sensibilidade das profissionais frente aos fatos que vem se apresentando em seu contexto.

Com tudo, ao ver a qualificação acadêmica dos profissionais envolvidos com o ensino de Sociologia, percebe-se maior empenho do professor da rede particular, que demonstra estar comprometido em melhorar sua forma de ser professor buscando especialização na área em que está atuando, preocupação não demonstrada no momento pelos profissionais da rede pública, já estáveis no emprego. Assim demonstra-se a relação entre necessidade e vontade de evoluir, fato este visto infelizmente em vários setores da vida pública, onde diariamente servidores públicos, que depois de estabilizados, perdem um pouco da sua motivação.

Enfim, depois de tantos desafios que a Sociologia enfrentou para adentrar permanentemente no currículo brasileiro, agora como presença confirmada na escola, ela vem a contribuir no desenvolvimento de uma forma de pensamento mais crítico e menos suscetível a aceitar o que já lhe vem pronto, apta a participar com empenho das decisões que nortearão sua vida.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel e TAVARES, José. **Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem**. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2003.

BRASIL. A organização curricular da Base Nacional Comum do Ensino Médio. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394), Brasília. 1996.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio/ Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CARBONARA, Vanderlei. **Fundamentos da educação**. Caxias do Sul. Educ. 2004.

COSTA, Cristina. *In*: SARANDI, Flávio M. S. **A imaginação e a apercepção sociológicas**. Cuiabá. Central de Texto, 2003.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEMO, P. **Educação pelo avesso: assistência como direito e como problema**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1993.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo. Moraes, 1980.

FRISON, Marli Dallagnol; VIANNA, Jaqueline; CHAVES, Jéssica Mello e BERNARDI, Fernanda Naimann. **Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais**. Encontro nacional de formação em Ciências. Florianópolis, 2009.

GORCZEWSKI, Clovis e MARTIN, Nuria Belloso. **A necessária revisão do conceito de cidadania: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC. 2011. Disponível em: <[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_editora\\_livro/e\\_book.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_editora_livro/e_book.pdf)>. Acesso em: 07 dez. 2015.

LIBÂNIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MAIA, Heber. **Neurociências e desenvolvimento cognitivo**. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2011.

MARTINS, Carlos. A pluralidade dos mundos e das condutas sociais: a contribuição de Bourdieu para a sociologia da educação. Versão modificada e ampliada do artigo Estrutura e ator: a teoria da prática em Bourdieu. Publicado na **Revista Educação e Sociedade** n 27 setembro de 1987.

\_\_\_\_\_. **O que é sociologia?** 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MORIN, Edgar e WULF, Christoph. E. **Planeta: a aventura desconhecida**. São Paulo. UNESP. 2003.

PEREIRA, Gilson de Almeida. **Limites e afetividade**. Canoas. Edi. Ulbra, 2011.

RÊSES, Erlando da Silva e SANTOS, Mário Bispo dos. **História do ensino de Sociologia no Ensino Médio no Brasil**. Cuiabá. Central de Texto, 2003.

SANTOS, Mário Bispo dos e LEAL, Shirlei Daudt Rodrigues. **Cultura, identidade e nacionalidade: local = e ≠ nacional = e ≠ global**. Cuiabá. Central de Texto, 2003.

SARANDY, Flávio M. S. **A imaginação e apercepção sociológicas**. Cuiabá. Central de Texto, 2003.

TRALDI, Lady Lina. **Currículo: conceituação e implicações, metodologia de avaliação, teoria e prática, formas de organização, supervisão**. 2. ed. São Paulo. Atlas, 1984.